

## EDITORIAL

Olhar perscrutador, investigativo, atento e incisivo, buscando conhecer em profundidade o real. Visão binocular capaz de, pelo exercício da razão, fundir ideias e imagens distintas. Não à toa a Ave de Minerva simboliza a filosofia, pois busca ver o que outros não alcançam e, não obstante alçar seu voo ao cair do crepúsculo - pois não se precipita em conclusões apressadas e sabe que a reflexão requer tempo e maturação – visa o todo sob diversos prismas.

Com essa intenção de contribuir com o olhar filosófico investigativo, buscando observar o real sob diversos ângulos, o Volume 6, Número 1, da PRISMA é constituído por artigos que abordam perspectivas e problemas filosóficos diversos, incluindo áreas, temas e períodos distintos, alcançando questões da antiguidade à contemporaneidade.

Inaugura o presente número o artigo intitulado *A sociedade de consumo como crise do humanismo em Jean Baudrillard: os objetos e a anulação do homem-sujeito*, de autoria de Antônio Wagner Veloso Rocha, no qual o autor busca desenvolver uma reflexão acerca do modo como o pensamento de Jean Baudrillard identifica a sociedade de consumo como responsável pela crise do humanismo na contemporaneidade. Por meio da psicanálise, da linguística e da visão marxista da produção, Baudrillard rompe com as concepções tradicionais do mundo presentes na cultura ocidental, para discutir os efeitos que a sociedade de consumo provoca nas relações humanas.

Anthony Lucas Neves Azevedo, no artigo *Biopolítica e imunidade: por que a política da vida ameaça sempre se tornar uma política de morte?*, analisa o conceito de biopolítica, a partir do pensamento de Michel Foucault e de Roberto Esposito, com o objetivo de responder como um poder, cuja principal característica é a produção e gestão da vida, pode matar e em tão grande escala. Para responder a tal questão, o autor relaciona a compreensão de Foucault sobre o racismo com a perspectiva imunitária proposta por Esposito, apresentando, por fim, uma saída para a política de morte.

No artigo *Da questão judaica à questão palestina: o pensador judeu Ernst Bloch e a recusa radical ao sionismo*, Marta Maria Aragão Maciel reflete sobre o posicionamento político antissionista do filósofo Ernst Bloch (1885-1977), analisando a atualidade da crítica empreendida pelo filósofo ao sionismo, mostrando como sua constituição em Estado representou o surgimento de uma “questão palestina”. Segundo a autora, para Bloch não há solução isolada para os problemas de minorias nacionais, de modo que os interesses de palestinos e judeus não somente não são antagônicos, mas, ao contrário, caminham na direção das lutas das classes trabalhadoras em todo o mundo.

Em *Dietética e estoicismo no horizonte da medicina filosófica de Kant*, Bruno de Figueiredo Alonso discute a dietética como um campo que entrecruza a filosofia e a medicina, apresentando a medicina filosófica como capaz de promover uma vida saudável e longeva. Assim, o poder preventivo da dietética, resguardada em instruções médico-filosóficas, visa cultivar hábitos sadios e preservar o corpo e a alma. A filosofia estoica dietética corrobora a convicção kantiana de que a filosofia é uma aliada impreterível da medicina.

Ralph Leal Heck e Antônio Cid Freitas Barros, no artigo *É filosófica a matemática? Filosofia da matemática e filosofia da educação matemática a partir de Tales de Mileto*, abordam, a partir dos pressupostos do pensamento filosófico-matemático de Tales de Mileto, as vantagens da relação entre a matemática e a educação matemática, dentre as quais o incentivo a uma postura crítica e dialógica na construção do saber teórico, no diálogo entre os pares e na relação professor-estudante. Por fim, a partir da perspectiva das filosofias da educação e da educação matemática, apresentam e discutem um plano de aula sobre geometria analítica com aporte filosófico.

No artigo *Essência e representação: Filosofia e religião na perspectiva de al-Fārābī*, Maykel Honney Souza Lobo investiga as funções da filosofia e da religião no modelo de cidade virtuosa proposto por al-Fārābī, analisando as diferenças entre o discurso filosófico e o religioso que emergem da distinção fundamental entre os dois métodos alternativos para o alcance da verdade: o essencial e o representativo, pois, enquanto a religião mostra a felicidade aos cidadãos de forma alegórica, para torná-los virtuosos, utilizando argumentos dialéticos e retóricos, a filosofia busca o mesmo fim por meio do discurso teórico-demonstrativo.

No artigo *Introdução ao método de análise de textos filosóficos no ensino médio: uma experiência do Programa Residência Pedagógica*, Carlos Daniel Araújo Pereira e Pedro Rodolfo Fernandes da Silva relatam e discutem uma experiência de ensino e aprendizagem realizada no âmbito do Programa Residência Pedagógica de Filosofia, em uma Escola Estadual de Tempo Integral – EETI, na cidade de Manaus – AM, cujo objetivo foi o de introduzir a análise de textos filosóficos para alunos do 3º ano do ensino médio, utilizando o conceito de “eterno retorno” de Nietzsche.

Bruno Abílio Galvão, no artigo *O dispositivo de sexualidade em Foucault*, analisa o dispositivo de sexualidade como um conjunto heterogêneo que controla e intervém sobre os corpos, incitando as pessoas a produzirem discursos sobre o “sexo”, os quais, na modernidade, proporcionam o desenvolvimento do dispositivo de sexualidade em quatro estratégias que se articulam: a histerização do corpo da mulher, a pedagogização do sexo

da criança; a socialização das condutas de reprodução e a psiquiatrização do prazer perverso.

No artigo *O filisteu da cultura enquanto livre-pensador e representante do estado e do cristianismo institucional em Nietzsche*, Pamela Cristina de Gois argumenta que Nietzsche defende a necessidade de se agir de modo contrário ao do livre pensador, representado na figura do teólogo David Strauss, pois o livre pensador está demasiadamente preocupado com sua própria fama, não se voltando para a cultura popular e tampouco para o que realmente é necessário à vida. Assim, o livre pensador se vincula aos interesses das massas, como filho daquela cultura tipicamente alemã e nacionalista contemporânea ao Filósofo, influenciando os demais eruditos a cometerem os mesmos erros, tornando-se um filisteu da cultura.

Marília Côrtes de Ferraz e Isabella D'Aquino Marcondes Noronha, no artigo *O problema do gênero segundo o feminismo de raiz*, evidenciam o conceito de gênero para nortear uma análise da opressão das mulheres, sob uma perspectiva materialista do feminismo de raiz, pois, quando o gênero é entendido meramente como uma escolha pessoal ou identidade, em vez de ser uma ferramenta de poder que hierarquiza os sexos, acaba por obscurer a luta feminista. Desse modo, a negação de uma realidade objetiva, muitas vezes promovida pelo pensamento pós-moderno, representa um perigo para os movimentos políticos, incluindo o feminismo, ao esvaziar alguns conceitos essenciais. Portanto, é necessário entender o papel histórico do gênero na opressão das mulheres que, por sua vez, remonta à naturalização dos papéis sociais de gênero ao longo da história.

No artigo *O sofrimento humano e a fé cristã no pensamento kierkegaardiano: um diálogo entre psicologia e filosofia*, Adenilton Moisés da Silva discute possíveis explicações para entender o sofrimento humano, sobretudo a partir da má-relação que esse estabelece no seu modo de existir, o qual provoca sempre uma inconformidade existencial. Com base no pensamento de Kierkegaard, aborda os conceitos de angústia, desespero e seus correlatos, como liberdade, tornar-se si mesmo, salto qualitativo, decisão, indivíduo, etc., apresentando possíveis implicações que ajudam a compreender o sofrimento humano enquanto uma realidade paradoxal, ao mesmo tempo em que demonstra que as obras do autor dinamarquês é uma proposição para edificar e despertar o sujeito para a constituição do seu *self*, isto é, de si mesmo, requerendo esforço, decisão e bom uso da liberdade mediante as possibilidades que lhe são apresentadas.

Hans Magno Alves Ramos, no artigo *Relendo a defesa de Stuart Mill da liberdade de pensamento e discussão no século XXI*, objetiva fornecer base teórica para as aproximações e distanciamentos entre a defesa de Mill e as discussões contemporâneas

sobre liberdade de expressão. Desse modo, o autor analisa os seguintes elementos: as relações axiológicas, ou seja, os valores que se relacionam à constituição da liberdade de pensamento; os argumentos mobilizados por Mill na defesa da liberdade de pensamento; as referências a atos discursivos que aparecem com mais centralidade e os limites da liberdade de discurso. Para a discussão de tais elementos, utiliza-se da interpretação de Richard Sorabji sobre a defesa de Stuart Mill e sua proposta de conceber a liberdade de expressão como bem coletivo.

No artigo *Ser-para-a-terra: lugares da ecologia na filosofia de Nietzsche e Heidegger*, Jan Clefferson Costa de Freitas realiza análise descritiva dos lugares da ecologia no pensamento de Nietzsche e Heidegger, apresentando em que medida os filósofos se colocam como antagonistas da direção tomada pela civilização moderna, sendo esta última, para eles, a grande responsável pelo abandono do ser, pela ausência do pensar, pelo distanciamento da vida, da conexão com a natureza e de um relacionamento autêntico com a Terra.

Aguinaldo Antônio Cavalheiro Pavão, no artigo *Suicídio e valor da vida em Montaigne*, apresenta e discute a visão de Montaigne sobre o suicídio a partir do capítulo 3, livro II de *Ensaaios*, intitulado “Costume da ilha de Céos”, no qual os argumentos a favor do suicídio repousam em teses tipicamente estoicas, ao passo que as teses contrárias ao autoaniquilamento baseiam-se em alegações sobre o pertencimento do indivíduo a uma autoridade transcendente ou política. Em face disso, o artigo busca defender: 1) que há um comprometimento filosófico maior de Montaigne a favor do suicídio do que se poderia supor; 2) que a discussão sobre o suicídio em Montaigne ensina que podemos encarar filosoficamente esse tema sem que precisemos de uma compreensão metafísica específica sobre o valor da vida.

Com a publicação desse novo número, a PRISMA mantém seu compromisso com a divulgação da pesquisa filosófica, estimulando a constante troca de conhecimentos e contribuindo para a formação filosófica dos seus leitores.

Os Editores